

O USO DO FUTURO DO SUBJUNTIVO: VARIAÇÃO E FREQUÊNCIA

Diana Liz Reis de Bittencourt¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo discutir o uso variável das formas irregulares de futuro do subjuntivo em português (ex.: *tiver/ter*, *propuser/propor*), através da análise de dados de entrevistas orais e de testes escritos, com falantes de Santa Catarina. Tendo como bases teóricas a sociolinguística e o funcionalismo, são analisados fatores sociais e funcionais na investigação do fenômeno. A discussão dos resultados mostra que os falantes apresentam um comportamento diferenciado na testagem escrita e na entrevista oral (sociolinguística) em relação ao uso das formas irregulares – o que é interpretado com base na frequência de uso dos itens lexicais nas duas modalidades.

Palavras-chave: futuro do subjuntivo; variação; regularização.

ABSTRACT

This paper aims to discuss the variable use of irregular forms of the future subjunctive in Portuguese (eg.: *tiver/ter*, *propuser/propor*), by analyzing samples from oral interview and from written tests, with speakers of Santa Catarina. On theoretical bases in sociolinguistic and functionalism, social and functional factors are analyzed in the phenomenon investigation. The discussion of the results shows the speakers have a different behavior in the written test and in the oral (sociolinguistic) interview regarding the use of the irregular forms – which is interpreted on bases in the frequency of use of the lexical items in both modalities.

Keywords: future subjunctive; variation; regularization.

¹ Professora temporária na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre e doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSC. Contato: diana.liz.reis@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este artigo trata do uso variável das formas irregulares de futuro do subjuntivo no português do Brasil (PB), discutindo fatores sociais e hipóteses funcionais que buscam descrever o uso dessa forma verbal, com base em dados de falantes de Santa Catarina.

O uso variável das formas irregulares de futuro do subjuntivo no português é um fenômeno bem conhecido por estudiosos da língua portuguesa, ou mesmo por observadores mais atentos (ex.: *querer* por *quiser*; *ter* por *tiver*; *propor* por *propuser*). Ademais, esse é um fenômeno está até mesmo registrado em gramáticos tradicionais, geralmente com críticas negativas, como podemos ver a seguir:

Não se confunda o Infinitivo Pessoal com Futuro do Subjuntivo, estes dois tempos são análogos na forma, nos verbos regulares, sendo sempre desiguais se o verbo é irregular. Por falsa analogia o povo confunde infinitivo pessoal com futuro do subjuntivo e vice-versa. (GÓIS, *apud* MACEDO, 1980, p. 23)

O uso ‘confuso’ do futuro do subjuntivo (segundo a prescrição gramatical) ocorre devido ao fato de muitos o equipararem com o infinitivo pessoal, já que as formas dos verbos regulares de futuro do subjuntivo e do infinitivo são idênticas, levando alguns falantes a produzirem formas ‘regularizadas’, como em: “Se o banco *reter* (Infinitivo) o cartão”/“Quando você *ver* (Infinitivo) ele hoje” (no lugar de *retiver* e *vir*, respectivamente).

Sobre a descrição desse fenômeno na literatura, no âmbito da sociolinguística destacamos o trabalho de Macedo (1980) que mostrou a existência de uma forte tendência de ‘regularização’ das formas irregulares de futuro do subjuntivo por falantes do Rio de Janeiro. Seus resultados apontaram que cerca de 70% dos falantes ‘regularizaram’.

Em face do exposto, este artigo tem como propósito discutir esse ‘processo de regularização’ das formas verbais irregulares de futuro do subjuntivo no PB, a partir da análise de Reis (2008) – que investigou o uso do futuro do subjuntivo em testes escritos aplicados a estudantes do ensino fundamental de Santa Catarina –, e principalmente dos resultados de Reis (2010), que analisa esse processo de ‘regularização’ destacando o papel da frequência de uso, ou seja, investigando quais itens lexicais verbais no futuro do subjuntivo mais sofrem regularização, a partir de dados orais de informantes de

Florianópolis (SC) de entrevistas sociolinguísticas do Banco Varsul². Assim, é através dos resultados de Reis (2010) que discutimos como acontece, ou melhor, qual a real abrangência desse fenômeno de regularização das formas irregulares na língua portuguesa, posto que esse processo parece não alcançar muito o uso das formas de futuro do subjuntivo mais frequentes na língua, como por exemplo, os verbos *dizer*, *for*, *quiser*, verbos mais usados pelos falantes, atingindo principalmente os verbos de uso menos frequente pelos falantes, ex.: *propuser*, *retiver*, *contiver*, entre outros.

Visto isso, como estamos estudando a variação no uso de uma forma verbal (o futuro do subjuntivo), é natural que tomemos como base teórica a sociolinguística laboviana, e passemos a ver o fenômeno como uma forma verbal em uso variável no português do Brasil (PB). Para a sociolinguística, a variação faz parte do próprio funcionamento do sistema linguístico, constituindo-se em requisito ou condição para a existência do mesmo. E um de seus pressupostos básicos é o de que o uso variável segue uma regularidade, de maneira que o emprego aparentemente aleatório de formas variantes obedece a princípios que podem ser explicados e estabelecidos de maneira estável.

Mais precisamente, assumimos neste trabalho uma perspectiva de interface *sociofuncionalista*, por entendermos que as formas variantes estão competindo num mesmo domínio funcional, e também por trazermos à discussão algumas ideias funcionalistas, como a hipótese da variação/mudança por analogia como justificativa para o comportamento do uso variável de formas irregulares em geral. A aproximação teórica entre a sociolinguística e o funcionalismo nasce como algo naturalmente compatível em função de ambas as correntes preocuparem-se com o estudo da linguagem *em uso*.

2. O FUTURO DO SUBJUNTIVO

O futuro do subjuntivo, doravante também FS, é uma forma verbal composta pelo ‘tema’: radical (um morfema lexical que dá a significação permanente do verbo) mais

² O banco de dados Varsul – *Variação Linguística Urbana na Região Sul do Brasil* – é composto de amostras de fala das áreas urbanas de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul. As entrevistas estão organizados segundo a localização, a idade, a escolaridade e o sexo dos informantes.

vogal temática; pela presença de um sufixo flexional modo-temporal; e pela presença de um sufixo flexional número-pessoal, de acordo com Junior ([1969] 2007, p. 104):

Verbo cantar

Tema = Cant- (Rd) + a (VT)

SMT = -r (P1, P3, P4, P5) e -re (P2, P6)

SNP = P1 = Ø; P2 = -s; P3 = Ø; P4 = -mos; P5 = -des; P6 = -m

Podemos melhor defini-lo como um tempo/modo verbal que aparece em certas orações subordinadas, expressando basicamente uma situação/evento necessário para uma outra situação futura, representada pelo verbo da oração principal, ocorrer. Em termos de temporalidade, recobre situações futuras em relação ao momento de fala, ou situações presentes com projeção futura. Assim, a partir de uma visão funcionalista, vemos o conjunto, oração principal e subordinada, como uma construção sintática modalizada que transmite a ideia do eventual, do possível, do desejado ou indesejado, enfim, do não-fato, ou melhor, das modalidades não-factuais conhecidas no funcionalismo, principalmente em Givón (1995; 2001), como modalidade(s) *irrealis*.

Os exemplos abaixo, extraídos do banco de dados Varsul e de gramáticas normativas, podem ilustrar os principais orações subordinadas em que aparece o FS:

- **Orações adverbiais condicionais**

Se PUDER, voltarei. (CUNHA 1980)

Se Deus me DER vida e saúde, eu não vou ficar, né? (Inf. FLN 16)³

- **Orações adverbiais temporais**

Quando PUDER, passarei por aqui. (CUNHA & CINTRA 2001)

Quando me APOSENTAR, viajar um pouco, não tem? (Inf. FLN 16)

- **Orações adjetivas (relativas):**

³ Leia-se 'informante de Florianópolis número 10'. A partir dessa referência, é possível que qualquer pesquisador visualize o dado na entrevista do 'informante 10' de Florianópolis, nos arquivos do Varsul.

O uso do futuro do subjuntivo: variação e frequência

Só poderão entrar os que TIVEREM ingresso. (CEGALLA 2005)

Quem PERDER vai ficando com oito. (Inf. FLN 10)

Das construções acima, as condicionais parecem ser o principal contexto em que o FS é usado, conforme descrições gramaticais aqui sintetizadas no quadro 1⁴:

Classificação	Cegalla (2005), Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)			
	Futuro simples e futuro composto			
Futuro simples – conceito	Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)			
	O FS simples marca a eventualidade no futuro.			
Futuro simples Usos/ Exemplos	Cegalla (2005), Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)			
	1) Emprega-se em orações subordinadas:			
	a) adverbiais condicionais, temporais , principalmente, e outras, cuja principal vem enunciada no futuro ou no presente:			
	• Cegalla: Se TRANSPUSEREM a fronteira, serão capturados. Caso PERSISTIREM as chuvas, os rios transbordarão. Enquanto não a VIR, não descansarei. Quanto maior FOR a altura, maior será o tombo. • Cunha & Cintra: Se QUISER, irei vê-lo. Se QUISER vê-lo, vá a sua casa. Farei conforme MANDARES. Faça como SOUBER. Quando PUDER, passarei por aqui. • Cunha: Se PUDER, voltarei. Se PUDER, volte amanhã. Agirei conforme DECIDIREM. Aja como lhe APROUVER. Quando QUISER, partiremos. Quando FOR, me avise.			
	b) adjetivas , dependendo de uma principal também enunciada no futuro ou no presente:			
	• Cunha & Cintra: Direi uma palavra amiga aos que me AJUDAREM. Diga uma palavra amiga aos que o AJUDAREM. • Cegalla: Só poderão entrar os que TIVEREM ingresso.			
Futuro composto – conceito	Cunha & Cintra (2001), Cunha (1980)			
	O FS composto indica um fato futuro como terminado em relação a outro fato futuro (dentro do sentido geral do modo subjuntivo).			
Futuro composto Usos/ Exemplos	Cegalla (2005)			
	1) Usa-se em orações subordinadas e enuncia um fato futuro relacionado a outro também futuro ou um fato passado, mas hipotético.			
	• Cegalla: Depois que TIVER visto o filme, darei minha opinião. Se TIVER acertado na loteria, comprarei uma fazenda. • Cunha & Cintra (2001): “Quando TIVERDES acabado, sereis desalojados de vosso precário pouso e devolvidos às vossas favelas.” (R. Braga, CCE, 250) • Cunha: “D. Sancha, peço-lhe que não leia este livro; ou se o HOUVER lido até aqui, abandone o resto.” (M. de Assis, OC, I, 855)			
Formação do Futuro do Subjuntivo	Faraco & Moura (1996)			
	Constitui-se um tempo derivado do pretérito perfeito do indicativo. “O FS é formado pelo tema do perfeito mais as terminações, -r, -res, -r, -rmos, -rdes, -rem”.			
		1ª. Conjugação	2ª. Conjugação	3ª. Conjugação
	Tema do perfeito	Fala-	Come-	Parti-
	Futuro do subjuntivo	Falar Falarmos Falares Falardes Falar Falarem	Comer Comeremos Comeres Comerdes Comer Comerem	Partir Partirmos Partires Partirdes Partir Partirem

Quadro 1. Descrição do futuro do subjuntivo em gramáticas normativas do português.

⁴ Gramáticas pesquisadas: Almeida (1983;1995); Bechara (1982); Coutinho (1974); Cegalla (2005); Cunha (1980); Cunha; Cintra (2001); Faraco & Moura (1996); Infante; Nicola (1997); Sacconi (1997).

Reis (2010) também destacou a condicional como o principal contexto sintático de uso do futuro do subjuntivo, através de sua análise na qual investigou 250 orações com ocorrências do FS, encontradas em 36 entrevistas de informantes de Florianópolis do Banco Varsul. Nesses dados, o futuro do subjuntivo ocorreu 73% das vezes em orações condicionais, seguido de 13,49% em adverbiais temporais, e de 12,69% em adjetivas.

A respeito da função/significado do FS, destacamos que *a função semântico-pragmática do FS é caracterizada como associada ao conteúdo não-factual, não-realizado, não conhecido, hipotético, eventual, da contingência, da possibilidade e da dúvida*, (GRYNER, 1990, p. 168).

Em consonância com essa definição, para Reis (2010, p. 142), o FS atua como um dos *meios/formas de expressão* de um domínio conceitual complexo: o da modalidade *irrealis* (não-fato) – uma megacategoria subdividida em deôntica e epistêmica⁵ –, uma vez que se trata de uma forma de futuro e de subjuntivo, sendo que sua atuação não é isolada, mas quase sempre em conjunto com outras *expressões irrealis* no contexto.

Nesse sentido, podemos entender o FS como um morfema que expressa tanto tempo futuro (predição), como modo subjuntivo (dúvida), e, conseqüentemente, modalidade *irrealis* (não-fato, irreal); ou seja, é duplamente modal, fortemente não-factual.

Fleischman (1982, p. 131) observa que as duas categorias (subjuntivo e futuro) são de larga extensão ‘mutuamente inclusivas’. Entre as várias estratégias gramaticais usadas pelas línguas do mundo para expressar subjetividade ou modalidades não-factuais, a categoria do subjuntivo é de longe a mais conhecida, sendo comumente associada às noções de possibilidade, probabilidade, dúvida, inferências, suposição (modalidades epistêmicas), obrigação, necessidade, intenção e desejo (modalidades deônticas). Em resumo, muitas das funções do subjuntivo se reúnem sob o rótulo geral do modal *eventual*.

3. O USO VARIÁVEL DAS FORMAS IRREGULARES

⁵ Givón (1995; 2001) distingue dois julgamentos do falante em relação a sua proposição: o epistêmico (verdade, probabilidade, certeza, evidência, crença) e o deôntico (desejo, preferência, intenção, obrigação).

No caso dos verbos regulares, o paradigma do futuro do subjuntivo coincide formalmente com o do infinitivo pessoal (*cantar, cantares, cantar, cantarmos, cantardes, cantarem*); e as formas de primeira e terceira pessoal do singular coincidem também com o infinitivo impessoal (*cantar*), tanto que ambas as formas verbais têm a mesma origem histórica. Só o contexto possibilita o conhecimento de qual tempo-modo está sendo usado.

A questão é que em função de haver uma grande diferença entre o paradigma dos verbos regulares e irregulares⁶ no futuro do subjuntivo, e, devido às formas regulares serem idênticas às do infinitivo pessoal, muitos falantes se ‘confundem’ e usam as formas de infinitivo com sentido de FS.

Nesse caso, podemos hipotetizar que esteja ocorrendo uma variação/mudança por analogia, isto é, devido ao fato de o falante desconhecer certas formas irregulares do FS, como consequência, por analogia ele as ‘regulariza’, observando o paradigma dos verbos regulares no FS, que é igual ao do infinitivo pessoal.

Mas, para tratar melhor da variação/mudança analógica é preciso considerar, a frequência de uso de cada item verbal irregular. Isso porque muitos autores funcionalistas, como por exemplo, Bybee (2007, p. 27), sustentam a seguinte hipótese: a mudança sonora tende a afetar primeiro as palavras mais frequentes, enquanto a mudança analógica tende a afetar as palavras não-frequentes, primeiramente. Os que defendem essa hipótese apontam como evidência o caso de certas formas verbais irregulares de passado em inglês, que não sofreram ‘regularização’ pelos falantes devido a elas terem alta frequência de uso na língua, como por exemplo, *saw* (viu), *went* (foi). A autora exemplifica:

Por exemplo, [...], *creeped* (rastejou) não é uma forma padrão, mas eu não estranharia ao ouvi-la, e poderia até mesmo produzi-la, embora eu saiba que *crept* é a forma 'correta'. No entanto, *keeped* (mantido) iria causar uma reação negativa, porque a forma *kept* é bem solidamente estabelecida devido à sua frequência. (BYBEE, 2007, p. 30, **tradução nossa**)⁷

⁶ Exemplos de formas verbais irregulares do FS: *tiver, estiver, for, provar, contiver, vir, souber, retiver, quiser, compuser, propuser, mantiver, puser, vier, couber, fizer, houver, disser, trazer*.

⁷ For instance [...], *creeped* is no standard, but I would not flinch if I heard it, and I might even produce it myself, although I know *crept* is “correct”. However, *keeped* would definitely cause a negative reaction, because the form *kept* is so solidly established, due to its frequency. (BYBEE, 2007, p. 30)

A autora conclui que os falantes podem muito bem atuar no processo de nivelamento analógico, posto que, em paradigmas não-frequentes, eles podem não ter certeza sobre todas as formas desses paradigmas, sendo que a mera não-frequência de um paradigma supletivo torna uma formação analógica mais aceitável.

Em outras palavras, Bybee (1985, p. 56), explica que a frequência de uma palavra influi na sua autonomia, em sua 'armazenagem' na memória de forma mais independente, e também determina a capacidade de uma forma resistir à mudança morfofonêmica, inclusive a mudança por analogia, que seria o caso do FS, já que muitos falantes realizam analogia com o infinito pessoal e 'regularizam' as formas irregulares.

Por conseguinte, no caso da regularização de certas formas verbais irregulares do FS é possível supor que o processo de mudança por analogia ocorra mais com os verbos de uso menos frequente, pois como a forma verbal irregular não está tão automatizada pelos falantes, é mais fácil nivelá-la pelo padrão regular. Como exemplo, citamos as formas de FS: *contiver*, *mantiver*, *propuser*, que muitas vezes são pronunciadas respectivamente como *conter*, *manter*, *propor* pelos falantes do português. Em contrapartida, as formas irregulares de FS de uso mais frequente, pela recorrência ou repetição desse padrão, parece que são mais resistentes à mudança que leva à regularização, como por exemplo: *quiser*, *for*, *estiver*, *tiver*, que parecem ser bem utilizadas pelos falantes.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE DADOS

Primeiramente, em relação à descrição desse fenômeno no português do Brasil, é preciso dizer que Macedo (1980) realizou um trabalho consistente, registrando uma forte tendência de regularização dos 'irregulares'. Em sua tese de doutorado, a autora realizou 328 testes escritos⁸ com adolescentes, adultos e crianças no Rio de Janeiro, e constatou que quase dois terços dos informantes de sua amostra 'regularizaram' essas formas

⁸ Mais exatamente, Macedo realizou 197 testes escritos com adolescentes entre 12 e 19 anos, 42 testes com informantes de mais de 50 anos e 89 com crianças na faixa etária de 5 a 10 anos, todos do Rio de Janeiro. Para ilustrar, seguem dois exemplos desse teste, que também foi usado por Reis (2008): (i) A professora *está* doente. Quando ela já ____ boa, voltaremos às aulas; (ii) Não *ponha* a mão no fogo, pois se você ____ [...]

irregulares de futuro do subjuntivo nesses testes. Tais resultados estão muito próximos dos de Reis (2008), que aplicou testes escritos semelhantes aos usados Macedo (1980), e serão aqui descritos sucintamente através um de uma tabela que mostra a porcentagem de ‘regularização’, conforme o sexo e a escolaridade dos informantes.

Ambos os trabalhos (de Reis e Macedo) consideraram o futuro do subjuntivo como um objeto em variação no PB, tomando as formas ‘irregular e irregular regularizada’ como duas variantes, dentro da perspectiva sociolinguística. Nela, as variantes linguísticas estão frequentemente correlacionadas a características externas do falante, tais como: sexo, idade, escolaridade do falante. E um pressuposto básico da sociolinguística é a ideia de regularidade do uso variável, segundo o qual o emprego aparentemente aleatório de formas variáveis obedece a princípios que podem ser estabelecidos de maneira estável

Sobre a testagem de Reis (2008), participaram da pesquisa 65 estudantes da cidade de Tubarão, Santa Catarina. Desses, 44 alunos – 23 meninos e 21 meninas – são do 8º ano do ensino fundamental e têm entre 13 e 15 anos; e 21 alunos – 13 meninos e 8 meninas – são do 4º. ano do ensino fundamental e têm entre 9 e 11 anos.

MASCULINO		FEMININO	
Formas regularizadas	Formas irregulares	Formas regularizadas	Formas Irregulares
8º. Ano			
68, 6%	28, 6%	62, 71%	37, 52%
4º. Ano			
77, 11%	21, 38 %	74%	25, 89 %

Tabela 1. Porcentagem de uso das formas irregulares e ‘regularizadas’ de FS por estudantes.

Os resultados encontrados para os informantes do 8º. ano mostram que o uso de formas ‘regularizadas’ do futuro do subjuntivo ou de outras (presente do indicativo, futuro do presente), girou entre 62% (meninas) a 68% (meninos). Já sobre os dados dos alunos do 4º. ano, vimos que o uso da forma regular, ‘regularizada’ do futuro do subjuntivo e de outras, atingiu o mesmo percentual aproximado de 75% entre os meninos e as meninas analisados. Ao correlacionarmos esses dados, destacamos que houve favorecimento do uso considerado ‘correto’ da forma irregular de FS para: (i) as meninas do 8º. ano, em relação aos meninos do mesmo ano, (cerca de 4%); (ii) os alunos do 8º. ano, em comparação aos alunos do 4º. ano, (perto de 11%).

Uma análise quantitativa como essa é interessante, pois pode oferecer sugerir um direcionamento para o fenômeno em variação, isto é, conforme a sociolinguística laboviana, os fatores sociais, como, por exemplo, *idade*, podem apontar se uma variante poderá ser a mais usada no futuro, caso os falantes mais jovens a estejam usando mais no presente. No caso do FS, a partir da nossa amostra, poderíamos aventar a hipótese da variante ‘irregular correta’ ser substituída no futuro pela variante ‘irregular regularizada’.

Para tanto, é preciso levar em conta ainda a questão de que a mudança por analogia atinge principalmente as formas menos frequentes na língua. Em virtude disso, Reis (2010), que utilizou uma amostra de 250 ocorrências de FS, elaborou dois grupos de fatores para investigar essa questão em sua pesquisa. Um grupo (a) que classificava os verbos no FS encontrados em: (i) regulares; (ii) irregulares, e (iii) ‘irregulares regularizados’, e o outro grupo (b) que investigava a frequência de cada item lexical verbal de FS encontrado, e, com base nos mais frequentes distribuiu os verbos (fatores) em: (i) querer; (ii) ser; (iii) ir; (iv) outros. Os resultados podem ser vistos na tabela 2 a seguir:

Grupo a. Morfologia regular do FS		
Regular	89 ocorrências do FS	35,31%
Irregular	156 ocorrências do FS	61,90%
Irregular ‘regularizada’	7 ocorrências do FS	2,77%

Grupo b. Item lexical do verbo no FS		
Querer	43 ocorrências do FS	17,06%
Ir	10 ocorrências do FS	3,96%
Ser	47 ocorrências do FS	18,65%
Outro	152 ocorrências do FS	60,31%

Tabela 2. Distribuição do uso do futuro do subjuntivo segundo os grupos de fatores baseada em Reis (2010)

Os resultados encontrados nessa pesquisa indicam que houve uma frequência maior de verbos irregulares no FS, em relação aos regulares, também ilustrados no gráfico:



Gráfico 1. Extraído de Reis (2010, p.122).

A seguir, podemos ver alguns desses exemplos em que os falantes realizaram a dita 'regularização', observando por fim que os informantes mais jovens (tinham entre 15 e 24 anos), foram os que mais 'regularizaram', em detrimento dos dois outros grupos etários, um composto por falantes de 25 a 49 anos, e o outro por falantes com mais de 50 anos.

- (01) Que eu tenho um problema assim, daí se *DAR (der)* alguma coisa. (FLN 28)
 (02) Tudo o que *VIR (vier)* eu como. (Inf. FLN 32)
 (03) Se eu *TRAZER (trouzer)* a carteira, ele vai ter que assinar. (Inf. FLN 32)
 (04) Lá não, agora lá dentro eles podem fazer, quando *SER (for)* preso eles não precisam comprar (Inf. FLN 28)
 (05) Quando ele *VER (vir)* como é, aí eu acho que vai se arrepender. (Inf. FLN 10)

Considerando esses resultados à luz da hipótese formulada anteriormente com base em Bybee (2007), pode-se aventar que o alto percentual de formas irregulares seja devido a suas altas frequências lexicais na língua, como é o caso do *puder, tiver, estiver, quiser, for* (verbos que por razões cognitivas e pragmáticas acabam sendo muito utilizados no discurso), ou ao menos, na fala dos informantes de Florianópolis do Banco Varsul.

Levando em conta essa questão, Reis (2010) também analisou a presença de cada item lexical no FS, através da aplicação de um grupo de fatores que visou quantificar a frequência dos itens lexicais verbais mais frequentes: *ser, ir e querer*, devido à grande recorrência das formas *for* e *quiser* nos dados.

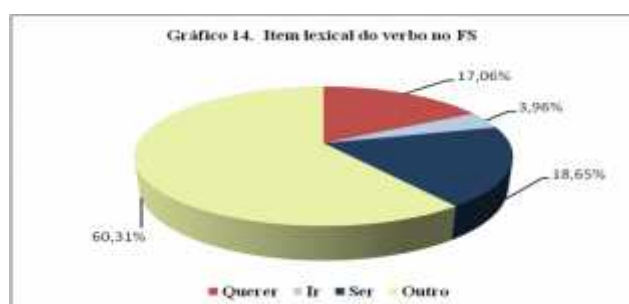


Gráfico 2. Extraído de Reis (2010, p. 126)

Esses resultados indicam que a frequência de certos itens lexicais pode favorecer a alta ocorrência de verbos irregulares com esses itens. Em razão disso, é preciso cuidado para interpretar dados como esses para não enviesar a interpretação da análise, isto é, não adiante afirmar que as formas irregulares foram as mais frequentes nesta

pesquisa, por isso seriam as mais usadas, quando o que ocorre é que a maioria das formas irregulares encontradas foi de verbos lexicalmente muito frequentes na língua, por serem cognitivamente mais úteis. Por exemplo, a maioria dos falantes sente mais necessidade de expressar uma vontade, um desejo, e por isso utilizam o verbo *querer* (que fica *quiser*), do que, por exemplo, expressar que uma música foi criada, usando o verbo *compor* (que fica *compuser*), ou que algo está contido em um recipiente, usando o verbo *conter* (*contiver*).

A percentagem em que cada outro verbo irregular apareceu na amostra foi a seguinte. Depois das formas *quiser* e *for* (ir e ser), o verbo *fizer* foi o mais recorrente (11,90% dos caos), seguido do verbo *der* (4,36%), dos verbos *disser* (1,98%) e *estiver* (1,98%). Por fim, os verbos *puder* e *souber* ocorreram, cada um, em 1,19% da amostra.

A partir disso é preciso analisar como se dá de fato, ou melhor, até que ponto considerar esse processo de regularização como uma variação que afeta muito o paradigma do FS em português, posto que na prática, provavelmente estejamos tratando de um fenômeno variável que atinge poucos verbos no FS: os de uso menos frequente na língua, como o “*aprover, propuser, retiver, compuser, entretiver, conter, manter*”.

Finalmente, ressaltamos que ao compararmos esses dados com os do estudo de Reis (2008), e o de Macedo (1980), que é bem mais extenso, verificamos que esse baixo índice de regularização não coincide. Em ambos os estudos os resultados foram muito próximos: cerca de apenas um terço dos informantes usou 'adequadamente' as formas irregulares, e o restante utilizou formas regularizadas, ou até mesmo outras formas.

Todavia, observamos que, em ambas as pesquisas, foram utilizados testes que continham vários verbos irregulares não-frequentes, como *compuser, retiver, manter*, o que pode ter levado ao alto índice de ‘regularização’ por parte dos falantes. Soma-se a isso, o fato de tanto Reis (2008) como Macedo (1980) terem utilizado a mesma metodologia: um questionário/lacuna para preenchimento, o que pode influenciar no resultado, pois o informante pode simplesmente se atrapalhar no preenchimento devido à dificuldade de interpretação da informação escrita, situação tão frequente na vida escolar de alunos brasileiros. Ademais, nessas duas amostragens havia mais jovens: Reis (2008) só utilizou informantes crianças e adolescentes, e os informantes de Macedo (1980) também

eram, em sua maioria, crianças e adolescentes, o que pode ter influenciado no resultado similar dos trabalhos das duas autoras, posto que a variação/mudança por analogia é um fenômeno típico dos mais jovens, por terem menos anos de contato com as formas irregulares, tanto na fala, como principalmente na escrita, de acordo com Bybee (1985).

Por fim, ressaltamos que para conclusões mais categóricas sobre essa questão do processo de regularização seria necessário comparar os dados desses três estudos (Reis, 2008; 2010 e Macedo, 1980) com outros mais, inclusive que tenham amostras maiores.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das reflexões traçadas neste artigo, foi visto que o futuro do subjuntivo se apresenta como uma forma verbal com um significado/função fortemente não-factual devido à dupla expressão de sentidos modais de subjuntivo e de futuro, ocorrendo predominante em construções condicionais, e cujo uso se apresenta em variação no PB.

Sobre essa variação, vimos que ela está diretamente relacionada ao uso das formas irregulares do futuro do subjuntivo pelos falantes do português. Em relação a isso destacamos que: (i) parece ser de fato recorrente, conforme os dados de Macedo (1980) e de Reis (2008), principalmente entre os falantes mais jovens, que aparentemente são os que mais realizam o processo de ‘regularização’; (ii) ainda é preciso observar que as formas irregulares mais frequentes na língua são as que os falantes menos ‘regularizam’, para tentar entender melhor como esse processo ocorre e até que ponto ele pode acarretar uma mudança no paradigma verbal do futuro do subjuntivo, uma vez que afeta uma parcela de verbos (os irregulares menos frequentes), que é bem menor em comparação aos demais.

Seguramente, estudos futuros, que analisem esses fatores (sociais e funcionais) no processo de variação das formas irregulares de FS, podem indicar pistas preciosas sobre os caminhos que essa variação, ou até mudança, possa percorrer. O que podemos, enfim, destacar é a pertinência de se considerar o papel da frequência de uso em análises quantitativas típicas da sociolinguística variacionista, principalmente no que concerne ao uso variável das formas irregulares de futuro do subjuntivo no português.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BYBEE, Joan L. **Morphology: a study of the relation between meaning and form.** Amsterdam, Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1985.

_____. **Frequency of use and the organization of language.** New York: Oxford University Press, 2007.

JUNIOR, Joaquim M. C. **Estrutura da Língua Portuguesa.** 40. ed. Petrópolis, 2007.

FLEISCHMAN, Suzanne. **The Future in Thought and Language.** Cambridge: Cambridge University Press, 1982.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar.** Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 1995.

_____. **Syntax.** Amsterdam/Philadelphia: Jonh Benjamins Publishing Company, 2001.

GRYNER, Helena. **A variação de tempo-modo e conexão nas orações condicionais do português.** Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 1990.

MACEDO, Alzira. **O uso do FS em português: regularização de uma forma verbal.** 1980. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ.

REIS, Diana Liz. **Variação no uso do futuro do subjuntivo no PB: um estudo sociofuncionalista.** In: Anais do VIII Encontro do Celsul. Porto Alegre: UFRGS, 2008.

_____. **O uso do futuro do subjuntivo: um estudo funcionalista sobre verbo e modalidade.** Dissertação de Mestrado Florianópolis: UFSC, 2010.

Recebido: 13/07/2012

Aceito: 14/08/2012